ADIVINHOS

JOÃO NOGUEIRA

Antigamente se attribuia aos poetas o dom divinatorio.

Naturalmente porque, em certos poemas, alguem descobriu ou quiz ver, em algumas passagens, as provas de uma lucida intuição do futuro, verdadeiras prophecias, que factos posteriores vieram confirmar.

Affirmava-se, por exemplo, que Virgilio previra a vinda de Christo; e argumentava-se com os seguintes versos da IV Egloga, nos quaes o poeta teria feito uma allusão bem clara a esse grande acontecimento:

Magnus ab integro sœculorum nascitur ordo;
Jam nova progenies cœlo demittitur alto.

Um grande periodo de seculos nasce de novo;
Já uma nova raça é enviada do alto ceu.

Acredita-se que Seneca previu a existencia da America; e como prova d'isto apresenta-se o verso: *Non erit terris ultima Thule.*

Tambem se pensa que o Dante, n'este terceto do C. I do *Purgatorio:*

Io me volsi a man destra; e posi mente
Al'altro polo; e vidi quatro stelle,
Non viste mai, fuor che a la prima gente.

antevira a existencia do Cruzeiro do Sul, até seu tempo ignorada na Europa.

Um exemplo mais recente d'essa intuição prophetica attribuida aos poetas, é o de Gonçalves Dias.

Todos conhecem o *Adeus aos meus amigos do Maranhão,* poema encantador onde cada palavra é

uma lagryma causada por essa dôr indefinivel que sentimos, ao sermos arrancados á terra natal.

Sabe-se que o navio em que o illustre brazileiro regressava, quasi morto da Europa, naufragou na costa do Maranhão e que, no sinistro, elle morreu.

Acreditou-se que esse immenso desastre vinha confirmar os seguintes versos do *Adeus,* que tomaram, então, um tom prophetico:

....um dia as vagas
Hão de os seus restos rejeitar na praia
D'onde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jazigo.

Foram baldadas as tentativas, que fizeram para descobrir os restos mortais do grande vate.

Posto que as vagas não os *rejeitassem na praia,* confudo as *cinzas frias* ficaram a demandar, *a procurar,* eternamente, o cantinho da terra tão querida.

Na Fortaleza tivemos tambem um poeta, que parece ter sido adivinho.

Foi Antonio Antunes, poeta satyrico que floresceu ahi pelos annos de 1840.

Reza a tradição que por aquellas eras intentaram construir um trapiche aqui na costa, em frente á cidade.

Dizem que n'aquelles tempos a praia estava pouco mais ou menos como se acha hoje, isto é, desabrigada; e que os desembarques, sendo egualmente difficeis, eram menos perigosos do que se tornaram depois.

A invenção da Cadeirinha ou *Pavióla,* que data de 1850, foi um grande progresso; e podia-se então sahír em terra sem perigo; e, graças a este melhoramento os celebres *banhos forçados* desappareceram.

Mais tarde, com o abandono da *Pavióla,* voltaram; e, ao que consta, de vez em quando um passageiro chegava em terra inteiramente molhado.

N'aquelles tempos atrazados não se fallava de pessôas que desembarcassem com um braço deslocado; de outras que trouxessem a mão esmagada; de

passageiros suspensos no ar em posição perigosa; de outros quasi afogados; de outro que quasi partisse uma perna por ter mettido um pé entre as taboas da ponte; de objectos de valor perdidos ou quebrados; em summa, não se fallava d'esses accidentes, aliás sem importancia, que são a consequencia natural do progresso.

Não era necessario, como se tornou depois, uma certa agilidade e mesmo um pouco de gymnastica para ir passar, n'um apice, de um escaler para uma escada e vice-versa.

Mas voltemos ao trapiche.

Gastou-se immenso tempo em discussão sobre o modo de levar a obra a cabo e tambem sobre a escolha do local. (Quem diria, então, que ainda no anno da Graça de 1937 se continuasse a discutir sobre a construcção e o local do porto de Fortaleza!)

Marcado que foi o local, refere a tradição que o trapiche tornou-se o ponto de reunião de curiosos e palestradores que, pela tarde, iam á praia *ver as obras.*

E, n'estas vistas e revistas se escoaram longos mezes.

Reconheceu-se emfim que o serviço não marchava a contento de ninguem e, começando a lavrar o desanimo, já muitos chamavam áquillo—*Obras de S. Engracia.*

Uma tarde, um grupo de prosistas criticava com pessimismo e mordacidade a administração dos trabalhos, tal e qual como hoje ainda se faz, e Antonio Antunes, que estava presente, bateu na testa e disse:

O matto que a serra tem
Todo feito taboado
E este trapiche acabado,
Nunca o ha de ver ninguem!

O grupo applaudiu e voltou alegre para a cidade onde, dentro em pouco, a quadra se espalhou e fez rir a toda gente.

Ou fosse por causa da galhofa, que provocou,

ou fosse por questões financeiras, o que é certo, diz a tradição, é que os constructores foram aos poucos abandonando a obra e que, por fim, o trapiche não se fez!

Antunes com certeza nunca suspeitou que os seus versos tivessem mais elasticidade e alcance que os de Virgilio.

Ao passo que os d'este só se applicavam a um fato unico, os do nosso patricio tiveram varias applicações.

O nosso progredir vertiginoso substituiu, como era natural, esses projectos de trapiches rudimentares pelo de um porto condigno de nosso adiantamento.

Um curioso, acompanhando essa evolução, substituiu tambem na quadra acima, *trapiche* por *porto* e, com certa admiração notou que, além de o verso não ficar quebrado, adaptava-se perfeitamente ao caso do porto começado em 1883, porto esse que se acabou, mas que ninguem viu *acabado.*

Espantado com esta descoberta experimentou successivamente—caes, muro (quebra mar), ponte (trapiche), esgoto, Cedro, etc., e viu que o verso resistia, galhardamente, a toda prova; e, mais ainda, que taes mudanças apenas seriam para augmentar, na quadra, o grau de malignidade e no experimentador a surpresa e admiração pelo descortino de Antunes.

Era evidente que este possuia o dom mysterioso da *segunda vista.* A cada mudança, o verso, ou dava um desastre ou annunciava outro.

E assim o *poeta* ia se transformando em *propheta,* a consonancia dos vocabulos ajudando a transformação e os factos tornando-os synonymos.

Fazendo então uma resenha, observou: o primeiro trapiche não foi acabado; o segundo que ahi se vê (da Guardamoria) está inteiramente *acabado;* a ponte (ou trapiche) de carnahubas, não se sabe si está prompta; do *paredão* não fallemos; a ponte metallica está se acabando e o segundo porto porque não está começado tambem não está acabado.

E, continuando por ahi além esse curioso en-

cheu-se de descrença e de amargo pessimismo, insistindo em ver em uma palavra solta, em coincidencias fortuitas a sentença inappellavel de um destino fatal.

Até no açude do Cedro, ha tanto concluido, o nosse curioso achou que ainda havia alguma coisa por *acabar*.

A geração actual não se diverte mais com o ir á praia *ver as obras*. Mata o tempo de maneira bem diversa.

Menos sceptica do que as outras, crê com enthusiasmo no futuro e ri da quadrinha de Antunes que, entendendo com as cousas do passado, nada tem com o dia de amanhã; dá a certas palavras o valor que ellas têm, que é nenhum.

Quid enim sunt verba nisi verba?